

A Arte de Contar o Outro: Recursos do Jornalismo Literário na Construção da Reportagem-Perfil “O Nascimento de Joicy”¹

Érika Bruna AGRIPINO-RAMOS²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O perfil é um dos gêneros mais ricos no âmbito da produção jornalística, por possibilitar ao repórter se deter sobre a história de alguém e explorar de maneira mais minuciosa suas características. Sob a ótica de autores que refletem sobre a narrativa biográfica jornalística e sobre as características do Jornalismo Literário, este artigo se propõe a analisar a série de reportagens *O nascimento de Joicy*, da jornalista pernambucana Fabiana Moraes, que trata da história de um ex-agricultor – agora mulher trans – que passou pelo processo de redesignação sexual em Recife (PE). Observamos que vários elementos do Jornalismo Literário surgem como características, a começar pelo envolvimento da repórter com a vida da personagem, além de técnicas como construção cena a cena, uso de *flashbacks*, metáforas e símbolos de *status* de vida, e ainda uma constante busca pelo exercício da cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; reportagem-perfil; narrativas biográficas.

1. Introdução

Há sempre pessoas nas histórias narradas pela humanidade. No jornalismo, essa premissa também é válida: existem sempre personagens nos relatos noticiosos e em outros gêneros jornalísticos, muitas vezes, para ilustrar a mensagem que se deseja transmitir. No entanto, há casos em que o sujeito passa de mero exemplo em uma narrativa para o centro das atenções, como ocorre na produção dos perfis e biografias.

Esse tipo de texto, conforme salientam Kotscho (2000) e Vilas Boas (2014), é um dos mais ricos no âmbito da produção jornalística, por possibilitar ao repórter se deter sobre a história de algo ou alguém e explorar de maneira mais minuciosa suas características.

A narrativa também pode ganhar contornos mais trabalhados, e, frequentemente, jornalistas responsáveis pela produção de perfis ou biografias fazem uso de recursos que não são comuns na prática noticiosa cotidiana. Esse estilo criativo, que ficou conhecido como Jornalismo Literário (ou Novo Jornalismo), surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, como resposta à padronização textual adotada pelas empresas de comunicação, e,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB, e-mail: erikabrunaagripino@gmail.com.

ainda hoje, tem adeptos nas mais variadas publicações em todo o mundo. (BULHÕES, 2007)

Sob a ótica de autores que refletem sobre a narrativa biográfica jornalística e sobre as características do Jornalismo Literário, este artigo se propõe a analisar a série de reportagens *O nascimento de Joicy*, da jornalista pernambucana Fabiana Moraes. Trata-se da história de um ex-agricultor – agora mulher trans – de 51 anos que passou pelo processo de redesignação sexual no Hospital das Clínicas em Recife (PE). A repórter acompanhou, durante cerca de cinco meses, a peregrinação da paciente Joicy Melo da Silva no distrito onde vivia e nos serviços públicos de saúde do estado a fim de realizar a cirurgia de neovaginoplastia e consolidar sua identidade.

O texto³ foi originalmente publicado no caderno de Cidades do *Jornal do Commercio (JC)*, em três edições sequenciais, em abril de 2011. No fim do mesmo ano, o trabalho foi vencedor do Prêmio Esso de Reportagem e, em 2015, teve seu lançamento em livro, incluindo mais dois capítulos com os bastidores da reportagem e uma reflexão sobre aspectos subjetivos na produção jornalística.

Deter-nos-emos principalmente à primeira parte da obra, ou seja, as matérias publicadas no *(JC)*, e consideraremos o texto analisado como uma reportagem-perfil, com base em apontamentos de autores como Lima (1995), Sodré e Ferrari (1986) e Vilas Boas (2003; 2014), entre outros. Também usaremos alguns trechos dos comentários sobre os bastidores para ilustrar o pensamento da jornalista em relação às suas impressões e escolhas.

2. As narrativas biográficas

De acordo com diversos autores, embora semelhantes em alguns aspectos, perfis e biografias não têm a mesma significação. Ambos fazem parte das chamadas narrativas biográficas, que, embora conquistem público e sucesso editorial frequentemente através do trabalho de jornalistas, também são realizadas por profissionais de outros campos do conhecimento, a exemplo dos antropólogos, historiadores e sociólogos. (BORGES, 2006; PENA, 2013; SCHMIDT, 1997)

³ A reportagem-perfil completa, além de materiais adicionais, como fotos e vídeos, está disponível online no endereço eletrônico <<http://www2.uol.com.br/JC/especial/joicy/>>.

A biografia tem sua origem etimológica a partir da junção dos termos gregos *bios* (vida) e *graphein* (escrever), referindo-se, desde a Antiguidade, às narrativas cujo objeto seja a vida de uma pessoa. (BORGES, 2006)

Historicamente, até o início do século XX, esse tipo de trabalho era voltado para a descrição dos feitos de homens influentes, considerados extraordinários, acima dos cidadãos comuns. “Esse modelo um tanto autoritário tornou a biografia o veículo de divulgação das criaturas de grande quilate” (VILAS BOAS, 2008, p. 129). Somente a partir da década de 1970 que se adotou uma abordagem interessada em toda e qualquer atividade humana, inclusive abarcando relatos e registros não oficiais, anteriormente rechaçados por não serem considerados fontes documentais.

Esse gênero se consagrou no mercado editorial brasileiro através de trabalhos como os dos jornalistas Fernando Morais (autor de *Chatô: o rei do Brasil*, sobre o empresário das comunicações Assis Chateaubriand; e *Olga*, que narra a história de Olga Benário, militante comunista alemã e companheira do líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes) e Ruy Castro (responsável pelos livros *O anjo pornográfico*, sobre o escritor Nelson Rodrigues; *Estrela Solitária*, sobre o jogador de futebol Mané Garrincha; e *Carmen*, sobre a cantora Carmen Miranda).

As biografias se propõem a registrar a trajetória de um indivíduo com todos os seus pormenores, e é aí que reside a diferenciação com o perfil jornalístico: este último se concentra apenas em determinados aspectos da pessoa representada.

No meu entender, os perfis são uma espécie de história de vida cuja proposta é desenhar o retrato de um momento selecionado, atual, do(s) protagonista(s). Naturalmente, elementos do passado surgem aqui e ali para contextualizar o presente, tal como esboços do futuro aparecem, ocasionalmente. Mas o foco central da narrativa é o presente. (LIMA, 2002, [s.p.])

Em outro trabalho que trata de uma classificação inédita dos livros-reportagem no Brasil, Lima (1995) também diferencia os gêneros perfil e biografia no jornalismo:

Livro-reportagem-perfil: Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se geralmente de uma figura olímpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. Uma variante dessa modalidade é o *livro-reportagem-biografia*, quando um jornalista, na qualidade de *ghost-writer* ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira

da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente. (LIMA, 1995, p. 45) (grifos do autor)

Vilas Boas (2003, p. 13) ainda acrescenta que o perfil é “uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter”.

Citado também como um material mais trabalhado do ponto de vista da captação e da construção textual, o perfil é frequentemente associado a um estilo produtivo em particular: “O espaço por excelência do perfil é o jornalismo literário” (LIMA, 2002, [s.p.]).

3. Do jornalismo à literatura

Uma das principais características na produção do jornalismo moderno é o uso da técnica do *lead*⁴, também conhecida como “pirâmide invertida”, que pode ser aplicada tanto em notícias quanto em reportagens (SODRÉ; FERRARI, 1986). Para que se entenda a ampla adoção dessa fórmula em todo o mundo e a posterior tentativa de rompimento com esse modelo, é preciso fazer um resgate histórico sobre seu surgimento.

Entre os séculos XIX e XX, havia duas diferentes concepções acerca da realização da atividade jornalística. O primeiro modelo, que trazia consigo a premissa da objetividade, herdada do Positivismo, surgiu nos Estados Unidos e rapidamente ganhou feições comerciais e empresariais, almejando a eficiência na produção, a padronização e a imparcialidade, com vistas a obter, através dessas estratégias, cada vez mais leitores e, conseqüentemente, anunciantes. A notícia se tornou o produto mais importante dessa vertente jornalística.

Na contramão desse modelo, o jornalismo praticado na França, à época, mostrava-se mais verborrágico e opinativo. Sob a influência da tradição livresca e da herança iluminista, o estilo francês também teve como causa fatores econômicos, uma vez que, diferentemente do que ocorria nos Estados Unidos, os jornais franceses não contavam com o incremento publicitário e eram dependentes de partidos políticos, demorando, portanto, para obterem sua autonomia. Só posteriormente a imprensa do país adotou a identidade noticiosa norte-americana, consagrada mundialmente. (BULHÕES, 2007)

Os procedimentos daquele primeiro modelo visavam a padronizar a redação e otimizar o processo de construção das narrativas jornalísticas, fundando-se em critérios

⁴ Primeiro parágrafo da notícia, onde geralmente são respondidas as principais questões sobre o fato narrado: quem, o quê, quando, onde, como e por quê.

como concisão, clareza e objetividade. No entanto, a contestação a esse padrão partiria de segmentos da própria imprensa norte-americana, que defendiam técnicas de aprofundamento e uma maior utilização de recursos literários nos textos jornalísticos.

O fato de o *New Journalism* ter surgido ali é sintomático de uma atitude de reação. No país em que o jornalismo mais se desenvolveu como sinônimo de prática textual pré-moldada, cujos produtos redacionais passam por uma estrutura similar à linha de produção industrial, compreende-se que o *New Journalism* tenha adquirido o sentido de uma postura libertária. (BULHÕES, 2007, p. 146)

O chamado Jornalismo Literário teve entre seus expoentes, a partir da década de 1960, nomes como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer, mas não chegou a se firmar como um movimento propriamente dito, sendo mais uma insatisfação com a rigidez imposta e uma atitude em busca de novas textualidades jornalísticas que reverbera até hoje. (BULHÕES, 2007)

Conforme contextualiza Pena (2013, p. 13),

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira.

Entre os principais gêneros explorados por esses jornalistas, estavam as grandes reportagens e os perfis, pois representavam maiores possibilidades de aperfeiçoar a qualidade da narrativa, aproximando-a da criação literária.

Pena (2013) explica que, sem perder de vista o compromisso com a realidade, a intenção é que haja uma valorização da subjetividade do autor e uma busca por valores estéticos, a partir da utilização de alguns recursos, como: a reconstrução da história cena a cena; o registro de diálogos completos; a adoção de diferentes pontos de vista; e o registro minucioso de características simbólicas dos personagens.

4. Técnicas do Jornalismo Literário na narrativa de Fabiana Moraes

Não é tão comum observar, principalmente na prática diária, o uso de recursos literários na imprensa brasileira. Nosso país também faz parte daquele grupo que prioriza, tanto nas publicações que têm mais prestígio ou circulação, quanto em veículos locais, a

adoção de *leads* e a objetividade preconizada pelos Estados Unidos na produção de matérias.

O *Manual de Redação e Estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, vai direto a esse ponto logo no início das instruções gerais aos profissionais:

1 — Seja **claro, preciso, direto, objetivo e conciso**. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto. [...]

8 — Tenha sempre presente: o espaço hoje é precioso; o tempo do leitor, também. Despreze as longas descrições e relate o fato no menor número possível de palavras. [...]

20 — Faça textos **imparciais e objetivos**. [...]

27 — Procure dispor as informações em **ordem decrescente de importância** (princípio da pirâmide invertida), para que, no caso de qualquer necessidade de corte no texto, os últimos parágrafos possam ser suprimidos, de preferência. (MARTINS FILHO, 1997, p. 15-18) (grifos do autor)

Entretanto, devemos frisar que o veículo também faz concessões a materiais de conteúdo mais aprofundado, como é o caso de reportagens investigativas, onde se pode, esporadicamente, experimentar um pouco mais na linguagem.

32 — O recurso à **primeira pessoa** só se justifica, em geral, nas crônicas. Existem casos excepcionais, nos quais repórteres, especialmente, poderão descrever os fatos dessa forma, como participantes, testemunhas ou mesmo personagens de coberturas importantes. Fique a ressalva: são sempre casos excepcionais. (MARTINS FILHO, 1997, p. 18) (grifo do autor)

Medina (2008) afirma que tem havido um déficit de abrangência nas narrativas contemporâneas, onde, muitas vezes, persistem raciocínios rasos e um bombardeio de informações fragmentadas. A repórter Fabiana Moraes, portanto, parece ter se fincado na exceção à regra. Ganhadora de diversos prêmios, entre eles, três Esso e um Embratel, a pernambucana desenvolveu um trabalho especial no *Jornal do Commercio*, caracterizado por narrativas exaustivamente apuradas e um olhar peculiar diante dos fenômenos sociais.

Em diversas reportagens publicadas, a jornalista demonstra uma preocupação com a fuga do senso comum e a busca por um discurso crítico do Jornalismo perante a realidade, o que também revela sintonia com sua formação – em 2011, ao mesmo tempo em que reunia as informações para a elaboração da série *O nascimento de Joicy*, concluía seu doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Fabiana Moraes engrandece sua profissão seguindo a linha dos melhores repórteres do *New Journalism*, como Tom Wolfe, e, no caso brasileiro,

elevando-se à qualidade de uma geração que tem Daniela Arbex e Eliane Brum como paradigmas. Ou seja, produzindo aquilo que o jornalismo pode oferecer de melhor – e que pode fazê-lo sobreviver: narrar por meio de reportagens densas, compassivas e esclarecedoras. (KARAM in MORAES, 2015, [orelha do livro])

Para obter tais resultados, ela muitas vezes se debruça sobre a vida de pessoas ditas “comuns”, esquecidas ou marginalizadas, enfatizando, a partir de suas existências anônimas e muitas vezes sofridas, sua extraordinariedade, mas sem estereotipá-las nem lançá-las de novo na vala da invisibilidade e do lugar-comum. (MORAES, 2015; VILAS BOAS, 2008)

Ao longo de cinco meses desde o dia em que conheceu a personagem Joicy no Hospital das Clínicas de Recife, em outubro de 2010, Fabiana Moraes acompanhou de perto a rotina, as relações com a família, os amigos e conhecidos no distrito onde a cabeleireira vive até hoje. Após a própria equipe médica responsável pelo tratamento sugerir a escolha de outra paciente mais “delicada”, tanto no quesito físico quanto comportamental, a repórter conta que percebeu um duplo preconceito que a fez voltar sua atenção ainda mais para Joicy. Criticada por não ter traços femininos, nem vestir saias ou vestidos, a personagem não era aceita nem pela sociedade nem pelas outras transexuais. “Estas olhavam com certa incredulidade para aquela mulher. Era como se, naquele banco, um intruso estivesse sentado entre elas” (MORAES, 2015, p. 35).

Como mencionamos anteriormente, no Jornalismo Literário, existem certos recursos que normalmente são usados para humanizar e aprofundar os relatos. Entre eles, podemos apontar: a construção cena a cena (com relatos detalhados, editados, às vezes, como numa projeção cinematográfica); o uso de *flashbacks*; o uso de metáforas e outras figuras de linguagem; a utilização de diálogos (uma vez que conferem tom de realismo e coloquialismo ao texto jornalístico); símbolos do *status* de vida (registros de hábitos, costumes, vestuário, comportamentos, etc.) para se compreender o ambiente e o estado físico e psicológico dos personagens; diferentes pontos de vista (o leitor pode ver o acontecimento sob a perspectiva do repórter, do protagonista ou de outra pessoa); e, principalmente, a imersão do jornalista na história que pretende narrar. (BULHÕES, 2007; LIMA, 1995; MOURA, 2007; PENA, 2013)

4.1. Envolvimento com a história

Observamos que, na reportagem que Fabiana Moraes fez sobre o processo de transexualização de Joicy, vários desses elementos surgem como características, a começar

justamente pelo envolvimento da repórter com a vida da personagem. Sobre isso, Pena (2013, p. 60) explica que se trata de uma prática que, muitas vezes, faz o profissional se envolver “até o talo com suas matérias e seus entrevistados”, encarando e até mesmo rompendo a fronteira entre as esferas pública e privada, “o que não é uma tarefa fácil”.

No livro que lançou posteriormente, Fabiana Moraes revela que essa proximidade lhe possibilitou experimentar as situações e o desprestígio a que Joicy era exposta cotidianamente. “Uma realidade compartilhada por milhões de gays, travestis e transexuais em todo o mundo” (MORAES, 2015, p. 19).

Entretanto, o convívio também lhe trouxe alguns conflitos pessoais. Diante da carência financeira e emocional de Joicy, Fabiana foi se envolvendo a ponto de ajudá-la até mesmo com dinheiro e alimentação.

Como não levá-la a um supermercado e fazer compras para ela depois de ver que o interior de sua geladeira possuía apenas algumas fatias de abacaxi, água e um pimentão? Como não sentir o coração doer de raiva quando, em uma manhã, após ela acordar de madrugada para ser atendida cinco ou seis horas depois em um hospital na capital, eu a vejo pedir um pouco de café ao médico (o mesmo que faria sua cirurgia) e ouvir como resposta um seco “café se toma em casa”? [...] No fim, o que é mais importante? Respirar fundo e colocar esses “ruidos” de lado em nome do preconizado e quase mítico distanciamento? Ou torná-los parte de uma escrita que, de saída, se reconhece múltipla de sentidos e, é claro, imperfeita? (MORAES, 2015, p. 22)

Convivendo com a personalidade forte e complexa da transexual, depois de um tempo, Fabiana também teve que encarar a discordância com certas atitudes de Joicy, como, por exemplo, o tratamento rude e a falta de atenção que esta deu à mãe em uma visita após a cirurgia.

Brigamos várias vezes, [...] censurei-a outras tantas, principalmente pelo modo pouco suave com o qual cuidava de si, pelo modo pouco suave com o qual lidava com a família. Hoje, vejo que ali eram os meus valores os atingidos negativamente, e, por mais que eu tentasse domar minha reação e minha dor, nem sempre era possível mantê-los distantes do ambiente da pauta. Como apagá-los ao me ver em situações permeadas por tantos conflitos e intimidade? (MORAES, 2015, p. 20)

Ela esclarece que não levou boa parte desses desentendimentos descritos no livro para o texto original da reportagem, “talvez porque tudo estivesse fresco demais para publicá-lo ou, é claro, porque eu necessitasse daquele susto e do tempo para maturá-lo para depois entender melhor o papel do tapa – e do inesperado” (MORAES, 2015, p. 23). Após a publicação do material, e com as doações que arrecadou, Fabiana também sofreu com a pressão de Joicy por mais dinheiro, as incansáveis ligações e mensagens de texto no celular

e com as insinuações de que estaria agindo com má-fé, quando a própria jornalista havia escolhido dividir com a personagem o valor que ganhou com o Prêmio Esso de Reportagem.

4.2. Desconstrução do lead jornalístico

Tratando especificamente sobre o texto veiculado no jornal, percebemos uma característica do Jornalismo Literário apontada por Pena (2013): o rompimento com as correntes do *lead*. Logo no início do texto, há uma desconstrução daquela técnica tradicional que padronizaria, com clareza e objetividade, o relato do fato principal. Ao contrário disso, Fabiana Moraes faz uso de uma figura de linguagem – a metáfora – para apresentar a personagem e aludir à jornada que o veículo se propôs a acompanhar:

Joicy Melo da Silva nasceu no dia 22 de novembro de 2010, às 12h30. Pesava 74 quilos e media 1,63 metro de altura. Naquele dia, mais sete partos foram realizados no Hospital das Clínicas, na Cidade Universitária, Recife. O de Joicy foi sem dúvida o mais complicado de todos: durou quase sete anos e envolveu uma série de especialistas. [...] Quando Joicy nasceu, morreu João Batista, 51 anos, filho de Irene (83, viva) e Eupídio Luiz (77, enterrado). [...] Só para eles esse menino deixou saudade – há tempos Joicy sabia que ele existia apenas aparentemente. Foi por isso que decidiu, apesar do olhar triste e reprovador da mãe, findar com ele. Um dia, deitou-se em uma maca e dormiu. Ali matou João. Ali nasceu Joicy. Seus primeiros dias no mundo serão contados aqui. (MORAES, 2015, p. 31-32)

Note-se que não é dito, em momento algum, que a história é a de uma mulher trans que iria fazer a cirurgia de redesignação sexual. A narrativa fala sobre um parto de uma pessoa de tamanho normal que durou cerca de sete anos para ocorrer, como também sobre a morte de outro sujeito de 51 anos. Nada está claro para quem ainda não conhece a história da cabeleireira.

Nessa introdução, também há entrecortes, com descrições de outras situações envolvendo os especialistas responsáveis pelo “parto” de Joicy, demonstrando o uso da técnica de construção cena a cena:

Três deles estavam no exato momento no qual ela veio ao mundo. O primeiro a chegar ao bloco cirúrgico saiu de casa às 7h, sem tomar café da manhã. Sabia que, como médico, tinha que mudar tal hábito. Outro atravessou entre aborrecido e resignado o engarrafamento de todos os dias. Havia sempre uma multidão de carros entre sua casa, na Zona Norte, e o hospital onde, no saguão, sempre há alguém desesperado. O último, que mora perto do mar, visitou a paciente um dia antes. Tinha que conferir se ela realmente estava bem para vir ao mundo. (MORAES, 2015, p. 31)

Além disso, quando a jornalista inclui as figuras dos pais do ex-agricultor no texto, nesse mesmo parágrafo inicial, já surgem também *flashbacks* de sua antiga história:

Foram os dois que ensinaram o garoto a plantar milho, mandioca, feijão. Moravam na caatinga, no Campo do Magé, área rural de Alagoinha (13.761 habitantes, 225 quilômetros da capital). Não poderiam prever que, décadas depois, o filho iria usar esmalte cor rosa-pitanga e sofrer por um rapaz enquanto ouvia música de novela. Não sabiam que ali na roça quem os ajudava era uma menina. Aí o chamavam de João. João que sempre foi muito zeloso, João que nunca deu trabalho, João que até plantou um jardim ao lado da casa. (MORAES, 2015, p. 31-32)

4.3. *Perspectiva*

Moura (2007) enfatiza que o estilo do Jornalismo Literário também se manifesta frequentemente no tocante à perspectiva do narrador diante dos fatos retratados. Conforme a autora relembra, “no jornalismo tradicional não se recomenda variar o ponto de vista, centrado na terceira pessoa do singular, de modo a marcar um suposto distanciamento do repórter do episódio narrado” (MOURA, 2007, p. 218). Já no Jornalismo Literário, há a liberdade para se variar conforme a criatividade do autor.

Embora em outros trabalhos Fabiana Moraes faça uso da primeira pessoa na construção da narrativa jornalística, em *O nascimento de Joicy*, todo o texto é escrito na terceira pessoa, sem que a repórter apareça na história. Apesar disso, é nítida a sensação de que, em certos momentos, aquilo que está sendo contado se refere ao olhar da jornalista sobre a situação, como ocorre no caso do primeiro encontro dela com Joicy e as demais transexuais:

Eram nove mulheres sem útero e ovários, sem clitóris e vagina, aguardando o atendimento médico no setor de ginecologia do Hospital das Clínicas (HC). No meio de calças jeans justinhas, cintos com tachas, vestidos floridos e sandálias altas, uma se destacava. Não era Cris, Valentina, nem Camila. Tampouco Eduarda, Grazielle ou Juliana. Nem Tamires ou Dominic. Quem não usava cinto enfeitado, vestido de flor e cabelão era aquela mais do canto. Parecia homem. Mas se chamava Joicy. [...] E aí chegamos a Joicy. Não usa maquiagem. Não gosta de usar vestido. Não tem cabelo comprido. Na verdade, está ficando meio careca, coisa de quem vai fazer 51 anos de idade. Sua aparência sugere que ela ainda está engatinhando para mostrar socialmente a mulher que é – e, principalmente, para deixar para trás o agricultor que sempre foi. O fato de não possuir as mesmas características femininas e hiperbólicas das suas colegas de fila a destaca imensamente naquele grupo. Usa apenas bermuda, camiseta e sapatilhas pretas. Senta-se com as pernas abertas. É musculosa e às vezes um tanto rude. Carrega as maneiras de quem passou

boa parte da vida dentro da roça, no meio do mato, plantando mandioca e cuidando de cabra, galinha, boi. (MORAES, 2015, p. 33-34)

Em outros trechos, percebemos que as impressões são da personagem, como se tivéssemos acesso à compreensão da transexual perante as situações vividas anteriormente: “[...] o menino, depois de passar a manhã plantando, também entrava na tarefa que ainda só cabia a elas. É por isso que, hoje Joicy, o ex-João acredita: é claro que todo mundo sabia que ela queria ser mulher” (MORAES, 2015, p. 38).

Também em vários trechos, como o do encontro com as demais transexuais, há o uso da descrição minuciosa da cena, com detalhes das roupas e maneiras de ser das personagens. Wolfe (2005, apud MOURA, 2007) afirma que, através desses artifícios chamados de símbolos de *status* de vida, é possível que a pessoa expresse sua posição diante do mundo, seus desejos, incertezas e dificuldades.

Na parte do seu livro em que trata dos bastidores da reportagem, Fabiana Moraes comenta sobre a descrição intencional que fez desses símbolos ao perceber sua significação na história daquela personagem, já no primeiro deslocamento que fizeram juntas.

[...] após almoçar, sentada no banco de trás do carro com o ar refrigerado ligado quase na máxima potência, Joicy sacou o celular azul e prata, pequenininho, e ligou para Dorneles, o amor-amigo que eu conheceria semanas depois. “Olha, adivinha onde eu tô? (...) Estou muito chique no carro do jornal, aqui, no fresquinho... Vão fazer uma reportagem comigo...” **Comecei ali a perceber que símbolos de *status* de certa forma já ultrapassados em outros grupos [...] ainda eram importantes na vida de Joicy [...].** (MORAES, 2015, p. 96-97) (grifo nosso)

Sabendo disso, uma semana depois daquele primeiro encontro, a repórter começou a prestar atenção em pequenos detalhes na casa de Joicy e em seu comportamento que conferiam com a necessidade que ela tinha de valorizar sua autoestima. Na reportagem, isso aparece como na passagem a seguir:

Na manhã do dia 30 de novembro de 2010, Joicy acordou, fez café e ligou o som. Aumentou o volume, como de costume. Ouvia o que ela chama de “sucessos internacionais”, uma compilação de músicas dos anos 80, a maioria temas de novelas. “Essas canções em inglês parecem as coisas que eu queria dizer.” A música alta avisava os moradores da rua Santa Virgínia: depois de 11 dias na capital, Joicy tinha voltado. (MORAES, 2015, p. 67)

Também há o seguinte relato:

Na casinha depauperada, onde cozinha e banheiro quase se confundem, onde não existem esgoto nem água encanada (ninguém no distrito, aliás, tem), há um diploma onde se lê: “Certifico que João Batista da Silva participou com dinamismo e maestria do curso de cabeleireiro revelação

(30h/60h) ministrado pelo cabeleireiro paulista Carlos Carvalho. Deus seja louvado.” Certificado no vidro, secador, cadeira de cabeleireiro. Os símbolos de um novo tempo onde certamente ouviria menos a palavra “não”. (MORAES, 2015, p. 39-40)

Fabiana comenta posteriormente, no seu livro, que foi atraída por vários elementos da casa, outro “personagem” que ela passou a observar:

O ambiente me impressionou não pela alta precariedade, mas pelo entrecruzamento entre essa precariedade e os elementos que a cabeleireira incorporou ali: seu nome, aquele concedido pela boca de um anjo/homem que falava inglês, estava escrito diversas vezes nas paredes de sua casa, em um claro exercício de autoafirmação. Também estavam expostas diversas páginas de revista nas quais modelos e casas com piscinas azuis eram exibidas [...]. Meses mais tarde, dias após a cirurgia, outro texto escrito no alto da parede da sala confirmava o respeito pelo qual ela lutava e de que sabia ser merecedora: “Por favor, me chame só de Joicy pois este é o meu novo nome após ter mudado de sexo. Agradeço pelo apreço e consideração.” (MORAES, 2015, p. 98)

Algumas dessas informações foram inseridas na reportagem em formato de texto, outras não, tendo a jornalista escolhido expô-las aos leitores também por meio de fotografias usadas ao longo da publicação.

4.4. *Uso de diálogos*

Por fim, enfatizamos também a utilização de diálogos na íntegra. Wolfe (2005, apud MOURA, 2007) diz que esse recurso define os personagens da maneira mais rápida e eficiente para o leitor, como percebemos no recorte textual abaixo, em que é exposta a situação da visita da mãe de Joicy:

Dona Irene: Tá bem, João?

Joicy: Eu mudei de nome, viu? É Joicy.

Dona Irene (rindo): Apois eu vou lhe chamar de Madalena. [...] Esse nome é muito difícil de dizer.

Joicy: Tem nada não, a gente treina. [...]

Joicy: Olhe, mãe, pode ficar aqui, dormir, se quiser, viu? Venha passar uns dias comigo.

Dona Irene: Tem o sofá para dormir, né?

Joicy: Não, o que é isso, a senhora dorme na cama. Aqui tem tudo, tem comida, tem suco.

Dona Irene: Ô, João, tem visto tua irmã Maria Helena?

Joicy (chateada): É Joicy. Meu nome é Joicy. Eu vi Maria Helena, ela tá bem. Olha, lembra daquele rapaz que foi na sua casa dar um beijo na senhora, Dorneles?

Dona Irene: Ele foi lá passear, né? Eu lembro. Vocês são amigos? Tu fala como se fosse só amigo.

Joicy: Somos só amigos, a senhora tá aí falando besteira.

Dona Irene: Vai ter uma reunião no Natal, lá em casa. Tu vai, Jorge? É Jorge, né?

Joicy (mais chateada): Eu não tava sabendo de reunião. Mas eu vou, nem que seja para ficar em um canto, longe de quem não me aceita.

O celular da cabeleireira toca. É Dorneles. Ela passa a conversar com ele e ignora a mãe. Quase 40 minutos depois, Dona Irene sai.

Dona Irene: Olha, eu acho que Jorge não tá dando ligação para a mãe. Eu tenho o que fazer. Eu vou embora. (MORAES, 2015, p. 70-71)

Além desse, outros diálogos completos são utilizados ao longo da reportagem, dando-nos uma dimensão dos conflitos pessoais e familiares vivenciados pela protagonista da história e seu modo de ser embrutecido, enriquecendo, portanto, o relato.

5. Considerações finais

O trabalho da jornalista Fabiana Moraes se destaca como uma valorização e um fôlego necessário ao desacreditado jornalismo diário praticado por boa parte da imprensa atualmente. A busca por pautas, recortes e enquadramentos precisos de questões de interesse social, o envolvimento com o tema e seu aprofundamento, a defesa de uma subjetividade na prática jornalística, todas essas características que a repórter pernambucana demonstra almejar não são tão fáceis de se encontrar nas redações.

Sabemos que esse envolvimento e o trabalho árduo pela melhor maneira de informar não ocorrem, muitas vezes, devido às condições a que os repórteres são submetidos cotidianamente, gerando cansaço e acomodação, como também devido ao desinteresse e à resistência das próprias empresas em adotarem práticas mais dispendiosas. Assim, o profissional prefere evitar os conflitos e transtornos tanto com os chefes quanto com os personagens com quem se relaciona.

Fabiana Moraes demonstra, tanto na construção textual da reportagem quanto nos comentários que faz à sua própria obra, uma consciência e uma preocupação constante com o jornalismo enquanto exercício da cidadania, enquanto possibilidade de perceber a fonte não apenas como um instrumento para execução de uma pauta, mas como um ser humano dotado de complexidade. Ela defende que, para isso ocorrer, é necessário deixar de lado a pressa tão atrelada ao jornalismo contemporâneo:

[...] é possível realizar produções cuja contribuição pode ultrapassar a mera disponibilização de informação para alcançar lugares mais ricos, mais férteis, que tornam o jornalismo um mediador menos apressado da realidade, um meio de acessar de forma mais detida e analítica o mundo que nos envolve. [...] é preciso alimentar todos os dias a produção crítica, esteja onde ela estiver (MORAES, 2015, p. 187-190)

Pena (2013) também enfatiza que os ideais do Jornalismo Literário defendem não apenas uma valorização no campo estético, mas também o compromisso político e social, dando visibilidade a questões que precisam ser trazidas à tona para serem ultrapassadas. “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2013, p. 14).

O reconhecimento do esforço de jornalistas que se aventuram nessa linha deve se dar através da mudança de postura de cada um perante a profissão. É possível nos desprendermos das amarras e contribuirmos com um jornalismo de qualidade e cumpridor de seu papel social.

6. Referências

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2ª edição. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. **Histórias de vida em jornalismo literário avançado**. 2002. Disponível em: www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado. Acessado em: 12 de janeiro de 2016.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo**. 3ª edição, revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Manual-de-Reda%C3%A7%C3%A3o-e-Estilo-O-Estado-de-S%C3%A3o-Paulo.pdf>. Acessado em: 20 de janeiro de 2016.

MEDINA, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. In: **MATRIZES**, v.2, n.1, jul-dez 2008, p.77-96.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: **Revista Estudos Históricos**. V. 10, nº 19. Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 3-22. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>>. Acessado em: 12 de janeiro de 2016.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. A arte do perfil. In: **Perfis: o mundo dos outros – 22 personagens e 1 ensaio**. 3ª edição. Barueri: Manole, 2014. p. 271-287.